

A origem da palavra nos parágrafos 2 e 3 do manuscrito *Palavra, verdade, sentido e linguagem* de Edith Stein

Eduardo Dalabeneta¹

Resumo

Nos parágrafos 2 e 3 do manuscrito *Palavra, verdade, sentido e linguagem* (conservado de modo fragmentário), a filósofa Edith Stein apresenta uma descrição fenomenológica da dinâmica que dá origem a palavra. A descrição começa pela constatação do surgimento de um clarão (*Schein*) que desperta o olho espiritual e pelo aparecimento da luz - verdade (*Licht*) que sobrevém ao sujeito. Tanto o surgimento quanto o aparecimento se dão de modo passivo, sem atividade espiritual do sujeito. O aparecimento da verdade e o olhar/apreensão desta verdade por parte do sujeito em sua esfera espiritual implicam em um atravessamento da verdade na esfera espiritual e na enformação da verdade pelo sujeito. A esta *verdade enformada* Edith Stein chama de *estado de coisa* (*Sachverhalt*) como já fizera Husserl. O *estado de coisa*, por causa de sua constituição ao modo de atravessamento pela verdade originária e de enformação pelo espírito cognoscente, indica que o sujeito espiritual vive em uma tensão prenhe. A condição prenhe do *estado de coisa*, por meio de um processo de fermentação (um encadeamento), desentranha a *verdade enformada* para fora da esfera do sujeito espiritual. Esta *verdade enformada* que se desentranha e emerge possui uma forma compreensível por causa da legalidade do sujeito espiritual. A esta forma compreensível engendrada, que se desentranha a partir do *estado de coisa* e permanece ante ele, é a palavra. A palavra é um material situado sob o poder do sujeito espiritual, mas não é encarnação ou expressão de uma atividade espiritual subjetiva. A palavra aparece como um material por meio do qual o que é conhecido (o sentido) é pronunciado pelo sujeito, podendo precipitar-se (ou não) através de sons e outros sinais manifestativos.

Palavras chave: Edith Stein. Fenomenologia. Palavra.

No ano de 2006 chegou ao Arquivo Edith Stein, no Carmelo de Colônia, pacotes com escritos do padre Michael Linssen, que na ocasião havia recentemente falecido e que em anos anteriores havia colaborado com L. Gelber na preparação da primeira versão das obras completas de Edith Stein: *Edith Stein Werke* (ESW). No processo de separação desse material para guardá-las no arquivo, descobriu-se a existência de folhas de um texto steiniano analisado por L. Gelber, porém misturado junto aos papéis de Linssen, mas até então desconhecido e não publicado.

O texto descoberto foi publicado em 2007 primeiramente nas *Obras Completas de Edith Stein*, em espanhol, e posteriormente publicado na *Edith Stein Gesamtausgabe* (ESGA), a edição crítica das obras da filósofa, no volume 9, em 2014.

O manuscrito foi conservado fragmentalmente: faltam as cinco primeiras páginas (inclusive a folha com o possível título dado por Edith Stein ao texto), a folha 7, as folhas 18,

¹ Doutorando em Filosofia na Unifesp – Universidade Federal de São Paulo. Mestre em Teologia pela PUC-SP, graduado em Teologia pela Faculdade Dehoniana (Taubaté/SP) e com formação filosófica pela Faculdade São Luiz (Brusque/SC). Professor na Faculdade Dehoniana, Taubaté/SP e no Centro Universitário Salesiano de São Paulo, São Paulo/SP. Membro do Grupo de Pesquisa “O pensamento de Edith Stein” da Unifesp e do Grupo de Trabalho “Edith Stein e o Círculo de Gotinga” da Anpof (Associação Nacional de Pós-Graduação em Filosofia).

19 e 20, e as folhas a partir da página 44, impedindo que se saiba a extensão original do texto. Na versão crítica *Edith Stein Gesamtausgabe*, o manuscrito foi intitulado com o nome *Palavra, Verdade, Sentido e Linguagem* e na versão espanhola recebeu o título *Verdade - Espírito-Palavra*.

Embora o problema da origem da palavra e sua constituição seja um tema recorrente de Stein em outras obras (*O problema da Empatia, Contribuições para a fundamentação filosófica da psicologia e ciências do espírito - Indivíduo e comunidade, Introdução à Filosofia, Potência e Ato, A estrutura da pessoa humana e Ser finito e eterno*), esse manuscrito, embora incompleto, é a obra específica da filósofa em que existe uma tentativa em elaborar uma fenomenologia da palavra e da linguagem, por isso, as informações nele contidas servem de itinerário para agrupar e ordenar as ideias dispersas nas outras obras².

Os estudos que Edith empreende na investigação da estrutura noética-noemática da palavra/linguagem oferecem fios condutores, segundo aquilo que Husserl já dissera em seus escritos, para a constituição de uma ontologia regional, neste caso, ontologia formal da palavra/linguagem. Nosso objetivo, portanto, será apresentar os parágrafos 2 e 3 do manuscrito e proceder com uma rápida exegese do mesmo a fim de oferecer algumas descrições que esclareçam o dinamismo que origina a palavra, seu modo de constituição e aparecimento à consciência.

1 O aparecimento das verdades originárias

Nos parágrafos 2 e 3 do manuscrito *Palavra, verdade, sentido e linguagem*, Edith Stein descreve por meio da abordagem fenomenológica a dinâmica da região originária onde as verdades originárias aparecem à consciência, embora não se sabe se nas páginas anteriores perdidas ela tenha procedido com as descrições e com os rastreamentos que a teriam conduzido de modo evidente a essa região.

‘Surge luz ante meu olho espiritual e no clarão desta luz sobrevem a mim uma verdade’. A ‘verdade’, que sobrevem ante mim, não é um ato espiritual, nem uma esfera espiritual. Ela coloca-se na minha esfera e coloca-se ante e para mim ali, ela não é o espírito mesmo, mas sim algo, que o espírito poderá pegar, aproximar [...]’³.

² SANCHO FERMIN, Javier. Nota introductoria – Verdad – Espíritu – Palabra. In: STEIN, Edith. *Obras completas III – escritos filosóficos (etapa de pensamiento cristiano)*, p. 131-132.

³ “‘Es wird Licht vor meinem geistigen Auge, und im Schein dieses Lichts geht mir eine Wahrheit auf’. Die ‘Wahrheit’, die vor mir aufgeht, ist weder ein geistiger Akt, noch eine geistige Sphäre. Sie tritt in meine Sphäre

O *clarão* (*Schein*) é aquilo que desperta a esfera espiritual do sujeito cognoscente. Despertar a esfera espiritual significa *acordar* e *ativar* o *olho espiritual* (*geistigen Auge*) de uma consciência adormecida (*dumpfen Bewusstsein*) que originariamente é capaz de ser afetada por esse fenômeno (ou seja, fazer vibrar aquilo que originariamente é vibrável). Com o olho espiritual desperto, o clarão aparece agora como *luz* (*Licht*), ou seja, um modo de aparecimento diferente que se doa para o olho espiritual de uma consciência desperta.

Essa *luz* que aparece diante do olho espiritual desperto é por esse [a.] *contemplado* (momento passivo) e [b.] *visado* (momento ativo).

O *contemplado* é descrito por Stein com as seguintes palavras: “o que toca-me era, o que é e como é, o que tocava-me. Seu ser e ser-assim é ante o contato como o meu espírito como algo totalmente independente”⁴. Mas essa independência não-formada descrita pela filósofa precisa ser entendida no sentido de uma existência e presença para à consciência anterior aos atos de conhecimento possíveis de serem empreendidos, ou seja, essa presença autodoante é anterior à vida cognoscente do sujeito. Essa descrição da Stein, embora com palavras diferentes, é muito semelhante à dinâmica da síntese passiva e ao mundo primordial indicado por Husserl em seus escritos⁵. Essa sincronia entre as descrições da filósofa com Husserl, inclusive quanto à questão do conhecimento, assinala que Edith concorda com seu mestre quanto à dependência gnosiológica do mundo (*ideal-ideel, real-reel*) a uma consciência possível. O conhecimento da verdade não se assenta necessariamente numa consciência atual visto que “a todo ser lhe corresponde *idealiter* uma consciência para o qual ele se constitui [...]”⁶.

Aquilo que aparece como contemplado atual ou possível é a verdade originária que sobrevem (*aufgehen*) à esfera espiritual e o aparecimento como verdade originária à consciência é anterior ao aparecimento para esta mesma consciência de objetualidades. A verdade originária é a autodoação da essência transcendente à consciência de modo que é esse aparecimento e presença que ativa os seus modos de ser (estrutura universal da consciência).

A verdade originária não é o resultado de atos, de uma elaboração ou adequação de um externo a um interno, menos ainda de uma decantação da própria esfera espiritual. Essa verdade

ein und stellt sich vor mich hin, sie ist nicht selbst Geist, sondern etwas, was vom Geist gefaßt werden kann, näher [...]” STEIN, Edith. Wort, Wahrheit, Sinn und Sprache. In: “*Freiheit und Gnade*” und weitere Beiträge zu Phänomenologie und Ontologie, p. 73.

⁴ “Was mich anrührt, war, was es ist und wie es ist, ehe es mich anrührte. Sein Sein und So-Sein ist von der Berührung mit meinem Geiste als solchem gänzlich unabhängig”. STEIN, Edith. Wort, Wahrheit, Sinn und Sprache. In: “*Freiheit und Gnade*” und weitere Beiträge zu Phänomenologie und Ontologie, p. 73.

⁵ Cf. HUSSERL, Edmund. *Meditações Cartesianas a Conferências de Paris*, p. 115-118; 141-143.

⁶ STEIN, Edith. Introducción a la filosofía. In: _____. *Obras completas II – Escritos filosóficos*, p.746.

originária se constitui para a consciência enquanto autodoção e conforme sua legalidade própria de apresentação (sem mediação).

Esta verdade originária é o correlato específico de uma consciência poiética (*νοῦς ποιητικός*) e também a condição absoluta para os inúmeros atos espirituais que podem acontecer na esfera espiritual em níveis mais superiores (explicar, resolver, contar, predicar, ajuizar etc.), quer eles venham a ser atuais ou permaneçam existindo como possibilidades puras.

O olho espiritual desperto por se constitutivo de uma esfera espiritual finita, portanto, em um fluxo temporal de retenções (presente do passado: memória), de impressões (presente atual: agora) e de protensões (presente do futuro: esperança), não permanece apenas na contemplação da verdade originária (numa relação de constituição passiva), mas é capaz de visá-la, ou seja, de retê-la, de aprendê-la à sua esfera espiritual (não há perdimento ou algum modo inconsciência no fluxo constitutivo do eu puro, mas apenas *atenção e não atenção*). O visado também não é resultado de uma atividade espiritual construtiva ou inventiva, embora se esteja no limiar entre a passividade e a atividade desta esfera espiritual.

A apreensão é o modo próprio da consciência de acolher a verdade originária e esse acolhimento está sujeito a uma legalidade objetiva (portanto, passiva)⁷ da própria consciência, que Edith Stein chama de *formas fixas (feste Formen)*⁸. A apreensão precisa ser compreendida como um processo de sedimentação primordial, embora essa metáfora não deva ser compreendida ao modo das explicações representativas onde a consciência é compreendida como um depósito, uma caixa ou um disco e aquilo que para ela aparece são depositados ou gravados nela. A apreensão pode ser entendida como uma dinâmica de *enformação* que dá origem as *objetualidades* e estas verdades originárias enformadas (objetualidades) na fenomenologia são chamadas de *estado de coisa (Sachverhalt)*: “A estas verdades enformadas nós nomeamos estado de coisas”⁹, que é o correlato específico de uma consciência cognoscente¹⁰.

⁷ “Das Greifen und Schauen vollzieht sich in bestimmt akzentuierten Schritten, die dem Geist vorgeschrieben sind, wenn er sich jene ‘Wahrheiten’ aneignen will, die aber eben dem Geist vorgeschrieben sind – und das besagt hier einem Subjekt, dessen Leben sich in der Form zeitlicher Bewegungen in einer begrenzten Sphäre abspielt”. STEIN, Edith. Wort, Wahrheit, Sinn und Sprache. In: “*Freiheit und Gnade*” und weitere Beiträge zu *Phänomenologie und Ontologie*, p. 74.

⁸ “Diesen geregelten Schritten des Geistes entsprechen feste Formen [...]”. STEIN, Edith. Wort, Wahrheit, Sinn und Sprache. In: “*Freiheit und Gnade*” und weitere Beiträge zu *Phänomenologie und Ontologie*, p. 74.

⁹ “Diese geformten Wahrheiten nennen wir Sachverhalte”. STEIN, Edith. Wort, Wahrheit, Sinn und Sprache. In: “*Freiheit und Gnade*” und weitere Beiträge zu *Phänomenologie und Ontologie*, p. 74.

¹⁰ “Der Sachverhalt ist spezifisches Korrelat des erkennenden Geistes [...]”. STEIN, Edith. Wort, Wahrheit, Sinn und Sprache. In: “*Freiheit und Gnade*” und weitere Beiträge zu *Phänomenologie und Ontologie*, p. 74.

2 Descrição da constituição das verdades enformadas

Uma elaboração mais refinada sobre a constituição e sobre a estrutura do *estado de coisa*, Edith Stein oferece na parte primeira da obra *Introdução à Filosofia* quando descreve o conhecimento da natureza. Ali a filósofa informa que o *estado de coisa* constitui um tema da ontologia formal¹¹.

O *estado de coisa* é uma objetualidade para a consciência e o fundamento para os atos cognoscentes. O *estado de coisa* é constituído por dois estratos (*Gleidsein*): a visão do *Quale* (*individuum*) e a visão do *Was* (o que). A visão do *Quale* correponde a essência transcendente em sua dimensão de inefável (aquilo que se contempla, constituído passivamente à consciência) e a visão do *Was* corresponde aquilo que é visado (*vermeinen*, aquilo que se visa, constituído ativamente), logo, retível e que pode ser expreso, ou seja, ser trazido à superfície onde se constitui um mundo intersubjetivo, porque o estado de coisa é a transcendência imanente a qual o sujeito cognoscente pode *tocar, pegar, percorrer*. O estado de coisa é constituído por ambas as realidades e isso garantirá que os estados superiores que operam ao modo de novos arranjos a partir de verdades enformadas tenham um fundamento seguro, evidente e irrefutável, ancorados no estrado mais profundo da constituição, que é a contemplação das verdades originárias.

Por meio das reduções às vivências e as essências, pode-se retornar de estrato em estrato e ser reconduzido ao momento de constituição do *estado de coisa* (a tensão consciência originária-mundo primordial) que sempre permanece e fundamenta os saberes superiores, como é o caso do juízo/proposição onde o *estado de coisa* e seu momento constitutivo é rastreável por causa da dinâmica verbal (ela é o fio condutor intencional que unifica o fluxo). Com isso, garante-se que ao se rastrear corretamente (e aqui parece com força o método fenomenológico) por entre qualquer ato espiritual (intencionalidade de atos) seja possível alcançar a consciência e verdade originária que lhe deu origem (intencionalidade passiva).

O que foi dito até aqui sobre o *estado de coisa* mantém-se filosoficamente dentro do horizonte husserliano, porém a filósofa por meio de reiteradas descrições constata que a dinâmica de enformação das verdades originárias, que originam os *estados de coisas*, revela que o sujeito espiritual vive em uma tensão prenante¹² (metaforicamente pode-se dizer que o sujeito espiritual vive na condição de *grávido* e o estado de coisas é o *zigoto*). O estado de coisa

¹¹ STEIN, Edith. Introducción a la filosofía. In: _____. *Obras completas II – Escritos filosóficos*, p. 764.

¹² Cf. STEIN, Edith. Wort, Wahrheit, Sinn und Sprache. In: *“Freiheit und Gnade” und weitere Beiträge zu Phänomenologie und Ontologie*, p. 73-74.

está disponível para a consciência para novas visadas por que o estado de coisa embora seja uma objetualidade para a consciência, não permanece numa condição estática diante dela, mas reaparece muitas vezes. A tensão pregnant em que vive o sujeito espiritual para Edith Stein coexiste com um *processo de fermentação* (*Gärungsprozeß*)¹³ e é ela que possibilita que *algo se solte* (que algo nasça, cresça) do *estado de coisa* e isso que nasce permanece diante do sujeito espiritual (é um novo objeto intencional para a consciência) e tem essencialmente uma dependência - independência dele (muito próximo daquilo que Husserl relaciona com a intuição categorial). Porém, isto que *se solta* não é algo puramente subjetivo (uma realidade idealista) e nem objetivo (uma realidade metafísica em sentido clássico), mas está enraizado no estado de coisa, na *verdade enformada*.

3 O nascimento da palavra

A descoberta de Edith quanto a tensão pregnant em que vive o sujeito espiritual por causa da dinâmica de enformação das verdades originárias (da correlação entre a consciência doadora de sentido e das essências transcendentais que se doam a ela também dentro de uma legalidade própria) embora ofereça um território seguro de ancoragem para o início da atividade cognoscente, não resolve e não esclarece imediatamente a origem da palavra. Precisamos nos guiar pelos fios condutores identificados por Stein para alcançarmos a refinada dinâmica constitutiva percebida pela filósofa, para isso, ela se afasta consideravelmente de conceitos prontos da tradição ou de metáforas e procura ater-se diretamente ao processo de desentranhamento.

O *estado de coisa* que aparece na esfera espiritual e está diante do sujeito espiritual tem sua origem na correlação entre o aparecimento da verdade originária e na doação de sentido da consciência (enformação ao modo de acomodação ou afundamento). Se por um lado temos uma intencionalidade passiva no momento constitutivo e uma intencionalidade ativa operando nos níveis mais superiores, Stein identifica a presença de um modo específico de intencionalidade que faz emergir algo do *estado de coisa*, sem adulterá-lo, modificá-lo ou acrescentar algo novo para os níveis mais superiores. A esse modo intencional Edith Stein chama de “função expressante”¹⁴.

¹³ STEIN, Edith. Wort, Wahrheit, Sinn und Sprache. In: “*Freiheit und Gnade*” und weitere Beiträge zu *Phänomenologie und Ontologie*, p. 73.

¹⁴ STEIN, Edith. Wort, Wahrheit, Sinn und Sprache. In: “*Freiheit und Gnade*” und weitere Beiträge zu *Phänomenologie und Ontologie*, p. 75.

Embora o sujeito espiritual não disponha da capacidade de *lançar mão* sobre a verdade originária (porque ela é constituída passivamente) ou sobre os modos de ser da consciência (porque ela é a estrutura universal *a priori* do conhecimento), ele pode *lançar mão* sobre aquilo que ele acomoda, ou seja, o *estado de coisa*.

A intencionalidade expressante é uma legalidade da consciência que atravessa o *estado de coisa* [aquilo que é conhecido, uma objetualidade, e está diante da consciência] e desentranha uma dimensão não intuitiva e nem objetiva dele, mas uma dimensão verbal¹⁵ tornando o *estado de coisa* entendível e comunicável [em nossas palavras, podemos ousar chamar a intencionalidade ao modo expressante de intencionalidade verbal].

A intencionalidade expressante como doação de sentido verbal faz *brilhar*, faz emergir à superfície do sujeito espiritual, a estrutura verbal constitutiva do *estado de coisa*, porque a essência autodoa um perfil verbal à consciência e a consciência ao enformá-la também doa sua estrutura universal verbal *a priori*.

Esse desentranhar e emegir da estrutura verbal que possibilita ao estado de coisa ser entendível e comunicável são também regidos por uma dinâmica cósmica, possuidora de uma legalidade formal ao modo de *formas fixas*, uma vez que a verdade originária – enformada assim exige (aquilo que expressa se mostra dentro de *bordas e contornos essenciais*, reclamados por aquilo que está sendo expresso).

A essa nova forma entendível e comunicável que emerge do atravessamento do estado de coisa pela intencionalidade expressante não é encarnação, expressão ou criação da individualidade ou subjetividade do sujeito espiritual, mas, sim, o engendramento de uma expressão (*Abdruck* e não *Ausdruck*) adequada, de uma *forma vazia* (*Leerform*), portanto, universal. A palavra é a estrutura [forma] universal essencial da expressividade e da condição verbal que habita a consciência e o *estado de coisa*. A palavra, portanto, não aparece para ordenar uma experiência caótica, mas ao contrário, ela aparece justamente para expressar uma constituição cósmica originária e primordial antepredicativa. É justamente essa forma vazia a possibilidade pura de se pronunciar o que foi conhecido e que pode se precipitar nos níveis mais superiores e receber preenchimentos empíricos, psicológicos, culturais diversos.

* * *

¹⁵ Não pretendemos esclarecer aqui neste artigo o que é e como se constitui a dimensão verbal do *estado de coisa* em seus correlatos consciência originária e mundo primordial. Na tese doutoral em elaboração esse aspecto será mais bem analisado e descrito.

Podemos concluir que não é equivocado utilizar a palavra *nascimento*¹⁶ para explicar a origem da palavra porque em nosso empreendimento constatamos que no itinerário que lhe dá origem existe um autêntico momento de fecundação, um processo de gestação e o emergir de uma forma universal pura (*abdruck*) que garante a expressividade daquilo que foi conhecido (*o estado de coisa*).

Referências

- HUSSERL, Edmund. *Meditações Cartesianas a Conferências de Paris*. Rio de Janeiro: Forense, 2013.
- SANCHO FERMIN, Javier. Nota introductoria – Verdad – Espíritu – Palabra. In: STEIN, Edith. *Obras completas III – escritos filosóficos (etapa de pensamiento cristiano)*. Burgos; Madrid; Vitoria: Editorial Monte Carmelo; Editorial de Espiritualidad; Ediciones El Carmen, 2007.
- STEIN, Edith. Wort, Wahrheit, Sinn und Sprache. In: *“Freiheit un Gnade” und weitere Beiträge zu Phänomenologie und Ontologie*. Freiburg im Breisgau: Herder, 2014. (ESGA 9).
- STEIN, Edith. Introducción a la filosofía. In: _____. *Obras completas II – Escritos filosóficos*. Vitoria: Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Editorial Monte Carmelo, 2005.

¹⁶ STEIN, Edith. Wort, Wahrheit, Sinn und Sprache. In: *“Freiheit un Gnade” und weitere Beiträge zu Phänomenologie und Ontologie*, p. 73.